

A QUESTÃO DA TRADUÇÃO EM GADAMER: A ESTRUTURA DA CONVERSA VIVA COMO MODELO DA AÇÃO TRADUTÓRIA

Adriano Picoli¹

Neste ensaio, primeiramente, busquei explicitar de modo preparatório os conceitos gadamerianos de língua, sentido, interpretação a fim de ter uma base mínima para abordar a questão da tradução. Esta eu expus e explicitiei com o intuito de medir as consequências problemáticas do deslocamento realizado por Gadamer, da estrutura interpretativa da conversa hermenêutica entre duas pessoas numa mesma língua, para a interpretação tradutória entre línguas. Com isso, pude perceber que, apesar de Gadamer também ali reconhecer a outridade do outro como na conversa viva, entretanto, ao dar primazia ao sentido em pró da compreensibilidade do leitor ante a letra, ele não a recebe da mesma forma, mostrando-se etnocêntrico.

Palavras-chave: Língua. Sentido. Compreender. Interpretação. Tradução. Letra.

¹ Bacharel, licenciado, mestre e doutorando em Filosofia pela UFSC.
E-mail: adlersdreistlethes@gmail.com

ABSTRACT



In this essay I begin by attempting to clarify Gadamer's concepts of language, meaning, interpretation, and understanding with the aim of constructing a minimal background for discussing the issue of translation. This I discuss with the intent of measuring the problematic consequences of the shift Gadamer accomplishes from the interpretive structure of hermeneutic conversation between two people of the same language to that of the translative interpretation between people of two different languages. With this at hand I was able to notice that although Gadamer also considers the otherness of the other in translation, as he does in live conversation, he nonetheless, by attributing a primacy to meaning in favor of the reader's understanding of the text, does not consider it in the same way, showing himself to be ethnocentric.

Keywords: Language. Meaning. Understanding. Interpretation. Translation. Text.

Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro.²

Schleiermacher

Na sequência, abordo a perspectiva do filósofo alemão Hans-Georg Gadamer³ (1900-2002) sobre as entrelaçadas questões relacionadas à língua⁴, ao compreender⁵, ao sentido e à in-

² SCHLEIERMACHER, F. D. E. Sobre os diferentes métodos de traduzir. In: HEIDERMANN, W. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. V. I. pp. 37-101. p. 57.

³ Para referir-me às obras que compõem a *Gesammelte Werke* de Hans-Georg Gadamer utilizo-me das abreviações tradicionalmente adotadas: GW1 – *Gesammelte Werke 1: Wahrheit und Method 1*. GW2 – *Gesammelte Werke 2: Wahrheit und Method 2*. GW3 – *Gesammelte Werke 3: Neuere Philosophie I*. GW8 – *Gesammelte Werke 8: Ästhetik und Poetik I*.

* Agradeço ao fomento da CAPES que me proporcionou o financiamento desta pesquisa enquanto me concedeu um ano de bolsa de doutorado.

** A despeito de eu fazer uso das traduções em língua portuguesa das obras e ensaios de Gadamer aqui utilizados, alerto que, em muitas das passagens citadas aqui, não as cito à letra. Pois, levando em consideração as críticas a elas, a opção terminológica dos principais comentadores em língua vernácula, os originais e as opções dos tradutores de versões espanholas, inglesas etc., em várias ocasiões, optei por diferentes opções de tradução que não foram assinaladas; outras alterações ainda foram feitas por motivos de incongruência gramatical; bem como com o intuito de manter a uniformidade terminológica. Desta forma, toda incompatibilidade textual com as referidas traduções em língua portuguesa é decisão intencional do autor desta pesquisa. Por tudo isso, considero de extrema importância trazer para as notas de rodapé o texto alemão correspondente às passagens citadas. Esta tomada de decisão também foi motivada ante a falta de uniformidade terminológica e invencionices de alguns dos tradutores e assim como pelas diferentes opções realizadas pelos comentadores da obra gadameriana.

⁴ Apesar de *Sprache* ser tradicionalmente traduzida por *linguagem* no âmbito filosófico em língua portuguesa, eu a traduzo como *língua*, assim optei porque com *Sprache* Gadamer não está se referindo a uma linguagem universal *à la* Heidegger, Puntel etc., mas às línguas ditas naturais (ou históricas) como o alemão, o português etc.

⁵ À medida que tive acesso aos textos de Gadamer em língua alemã, procurei manter as traduções dos seus verbos substantivados por correspondentes verbos substantivados da língua portuguesa, visto que seguindo o uso gadameriano de “*Verstehen*” e “*Verständnis*” não devemos tomá-las como sinônimos. A tradução, por exemplo, da expressão “*das Verstehen*” como *a compreensão* mostra-se equivocada, visto que esta torna implícito o traço de atividade, de processo e lhe dá um caráter apenas conclusivo, de obra; antes *compreensão* oferece-nos como a melhor opção para traduzirmos “*Verständnis*”, por exemplo, a compreensão de Heidegger dos gregos, uma vez que este está morto,

terpretação tendo em vista a problemática da tradução. Mas antes disso, precisamos ter explícito o contexto em que estas temáticas são abordadas em *Verdade e Método*⁶. Ademais, Gadamer retorna à problemática da tradução em várias passagens espalhadas ao longo dos artigos que compõem o segundo volume e ainda em outros ensaios, delas me utilizei de forma complementar.

As questões relacionadas aos assuntos mencionados acima em sua relação com a problemática da tradução se encontram reunidas de forma mais concentrada na terceira parte do volume I da supracitada obra, sua obra principal, na qual Gadamer expõe suas teses máximas referentes ao caráter ontológico da língua – ou seja, a língua como a dimensão doadora e sedimentadora de ser –, ao *medium* linguístico como o lugar do instituir-se dos seres humanos e de quase⁷ tudo o que poderia vir a ser compreendido por estes.

A problemática hermenêutica é vista a partir do viés de um desenvolvimento histórico, a qual, à luz de Gadamer, é delimitada na introdução de *Verdade e Método I* do seguinte modo: “A presente investigação tem de lidar com o problema hermenêutico. O fenômeno do compreender e da correta interpretação do compreendido não são apenas um problema específico da teoria dos métodos das ciências do espírito.”⁸. Nesta perspectiva inclusiva,

sua compreensão dos gregos está acabada, o que nos possibilita assim tomá-la como obra, como objeto de estudo; “*das Verstehen*” deve ser traduzido por “o compreender” ou apenas como “compreender”. (Essa diferença não nos parece ser válida para a sua “*Habilitationsschrift*”, pois ali ainda não usava destas distinções conceituais). O mesmo acontece com “*Auslegen*” que é “interpretar” e não “interpretação” que é a melhor opção de tradução para “*Auslegung*”.

⁶ Toda vez que utilizo da expressão *Verdade e Método* estou me referindo a ambos os volumes da obra, caso contrário, específico.

⁷ Ver adiante a nota 31.

⁸ GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 29. No original: “Die folgenden Untersuchungen haben es mit dem hermeneutischen Problem zu tun. Das Phänomen des Verstehens und der rechten Auslegung des Verstandenen ist nicht nur ein Spezialproblem der geisteswissenschaftlichen Methodenlehre.” *GW1*, p. 1.

podemos perceber que nem de início Gadamer recusara o método como via de doação de sentido, apesar de dar primazia para a questão da verdade (o que já está indicado na ordem das palavras do próprio título da obra). Primariedade da verdade esta que, como nós veremos adiante, também é deslocada para a análise das questões em torno do ato de traduzir, mostrando-nos que a ação tradutória não é somente uma questão de método.

Antes de me dedicar especificamente às questões que nos interessam em *Verdade e Método*, sentimos a necessidade de reconstruirmos brevemente a relação entre a hermenêutica e a mitologia greco-romana. Fizemos isto, em parte, utilizando-nos da própria visão de Gadamer. Cientes de que os problemas referentes aos tratamentos dados à interpretação e ao processo de compreender da palavra, quer falada quer escrita, não são nada recentes. Podemos evidenciar o prelúdio desta problemática na mitologia greco-romana. Neste período, a palavra *hermeneia* se apresenta de forma ambígua, uma vez que já em Homero a palavra anunciada pelo deus grego Hermes – o intérprete entre os deuses e os homens – é apresentada verbalmente, enquanto que no seu uso profano ela teria a acepção de tradução, pois ali “a tarefa do *hermeneus* consiste em traduzir para uma língua acessível a todos o que se manifesta de modo estranho ou incompreensível”⁹. Apesar da falta de clareza etimológica do nome Hermes¹⁰, ressaltada pelo próprio Gadamer, este ainda assim prefere seguir a tradição, vendo a relação entre o

* Por “*ciências do espírito*” se está traduzindo “*Geisteswissenschaften*”, este substantivo está por equivalência às ditas “*humanities*”, “*lettres*”, “*moral sciences*”, ciências humanas etc.

⁹ GADAMER, H.-G. *Verdade e método II*: complementos e índice. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 112. “das Geschäft des *hermeneus* gerade darin, daß er ein in fremder oder unverständlicher Weise Geäußertes in die verständliche Sprache aller übersetzt.” GW2, p. 92.

¹⁰ Ver: BRANDÃO, J. de S. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1997. P. 191-207. Verbete: Hermes Trismegisto; Ver também: HACQUARD, G. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio Tinto: Edições ASA, 1996. p. 161-2.

deus Hermes e a palavra hermenêutica “como uma indicação válida do alcance e universalidade com que se deve ver e se viu o fenômeno hermenêutico: como ‘mensageiro do pensamento’”¹¹. Hermes era o deus do comércio, do mercado, das estradas e de suas encruzilhadas. Lugares estes de tensões que exigem da mensagem a superação das distâncias no encontro com o estrangeiro, com o estranho do outro; exigência esta necessária para se chegar ao entendimento, a uma medida comum de troca, à satisfação comum do negócio bem feito, à satisfação do bem comum para ambos, permitindo desta forma a sequência da vida comunitária. Assim, Hermes era visto como o deus negociador e dos negociadores.

Esta relação que se faz entre Hermes e a hermenêutica¹² nos parece explicitamente pertinente, pois, em acordo com Almeida,

Lembremos que na mitologia o ponto médio é o lugar assumido pelo deus Hermes quando se constituía intérprete na relação entre os deuses e os homens e, nesse mesmo sentido, o hermeneuta deve se pôr nesse lugar tenso e se fazer intermediário do jogo dialético que tem suas regras, mas é sempre aberto às novas possibilidades que lhe são inerentes, e que só se realizam quando o jogo está sendo jogado.¹³

Assim, considerado o mensageiro, o intermediador da palavra dos deuses olímpicos aos homens, Hermes se caracterizava como um deus complexo, dono de várias habilidades, inteligentíssimo e autônomo. Isso se mostra em sua história deste seu início.

¹¹ GADAMER, H.-G. *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 342. “als gültiger Hinweis darauf, wie weit und wie universal das hermeneutische Phänomen gesehen werden muß und gesehen worden ist: als ‘Nuntius für alles Gedachte’.” *GW2*, p. 294-5.

¹² Esta relação é apresentada, mais detalhadamente, por Rohden em: ROHDEN, L. *Hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Unisinos, 2002. pp. 153-160.

¹³ ALMEIDA, C. L. S. de. “Hermenêutica e Dialética: complementação ou substituição?” Disponível em: <<http://atualaula.vilabol.uol.com.br/dialetica.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

Logo nos seus primeiros dias de vida, ele rouba parte do rebanho de seu irmão Apolo. Descoberto por este, Hermes dissimula-se ante a sua mãe Maia, fingindo nada saber a respeito, mas quando denunciado ao seu pai Zeus por Apolo, Hermes prometeu, diante de Zeus, jamais mentir novamente, bem como que a partir de então sempre diria a verdade, porém, com a ressalva de que não estaria obrigado a apresentá-la por inteiro.

Esta ressalva nos parece ir ao encontro da perspectiva hermenêutica gadameriana de que em todo dito há algo de não dito¹⁴, uma vez que, em todo dito, a palavra apresenta a verdade sobre a coisa em questão (*Sache*, o assunto), mas sempre de forma parcial. Assim, da mesma forma que o deus da linguagem (Hermes), a palavra enquanto nos apresenta algo por um lado, por outro, nos oculta facetas dele. No viés de Gadamer, esta “alusão ao indizível, tão próxima, não precisa causar rupturas na universalidade do linguístico. A infinitude da conversa, onde se dá o compreender, relativiza a validade que alcança em cada caso o indizível.”¹⁵ Se “Ser, que pode ser compreendido, é língua”¹⁶, então esta dimensão do inefável é ser de e em cada caso que não pode ser compreendido. Todo ser não compreendido, i.e., o inefável, é o que mantém em aberto o constante desafio pela busca da palavra que expresse o mais íntimo

¹⁴ Não precisamos pressupor uma visão especial para falarmos do não dito, o que nos faz perceber este fenômeno é o distanciamento temporal. Fenômeno este que nós percebemos com frequência nos textos que redigimos e pomos de lado por certo tempo, quanto retornamos a eles algum tempo depois, acabamos percebendo por muitas vezes que nelas haviam ditos que não estavam dizendo o que pretendíamos ou que estavam abrindo margem para interpretações problemáticas, as quais não eram de nossa pretensão.

¹⁵ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 22; No original: “der naheliegende Hinweis auf das Unsagbare braucht der Universalität des Sprachlichen keinen Abbruch zu tun. Die Unendlichkeit des Gesprächs, in dem sich Verstehen vollzieht, läßt die jeweilige Geltendmachung des Unsagbaren selber relativ sein.” GW2, p. 444-5.

¹⁶ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 612. No original: “*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache.*” GW1, p. 478. Grifo do autor.

daquilo que constitui a experiência de um eu humano, ou seja, de um eu já perpassado pela língua (uma língua qualquer), o qual vem a alcançar o outro no compreender. Nesta perspectiva, Gadamer prefere descrever o compreender como: “É tarefa da hermenêutica esclarecer o milagre do compreender, que não é uma comunicação misteriosa entre as almas, mas participação num sentido comum.”¹⁷ Apesar da carga mística desta formulação, Gadamer explicita o processo do compreender apenas através do plano relacional intersubjetivo dos humanos e seus reflexivos feitos. E quando o outro é um texto “enquanto tal o compreender pela leitura não é um repetir de algo passado, mas participação num sentido presente.”¹⁸ Ou seja, esta participação apenas se realiza como vigência, como o que vale aí. Em outro lugar, referindo-se a interpretação do juiz, Gadamer diz que “compreender e interpretar significam conhecer e reconhecer um sentido vigente.”¹⁹ Em outra formulação, Gadamer ainda afirma que “compreender o que alguém diz, como nós vimos, é entender-se na língua”²⁰, o que, a meu ver, pressupõe o sentido indicado pelas duas formulações anteriores.

¹⁷ GADAMER, H-G. *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 73. “Es ist die Aufgabe der Hermeneutik, dies Wunder des Verstehens aufzuklären, das nicht eine geheimnisvolle Kommunion der Seelen, sondern eine Teilhabe am gemeinsamen Sinn ist.” *GW2*, p. 58. Esta formulação aparece inicialmente em “Vom Zirkel der Verstehens” de 1959, sendo repetida em: *Verdade e Método I*. Cf. GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 387; *GW1*, p. 297.

¹⁸ GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 508. No original: “als solches Lesendes Verstehen ist nicht ein Wiederholen von etwas Vergangenen, sondern Teilhabe an einem gegenwertigen Sinn.” *GW1*, p. 396.

¹⁹ GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 430-1. No original: “Verstehen und Auslegen: einen geltenden Sinn Erkennen und Anerkennen.” *GW1*, p. 333.

²⁰ GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 497. No original: “Verstehen, was einer sagt, meint, wie wir sahen, sich in der Sprache Verständigen”. *GW1*, p. 387.

A abordagem ontológica gadameriana da linguisticidade (*Sprachlichkeit*)²¹ do humano tem por interesse o lado oposto do que é investigado pelas hodiernas ciências da linguagem e pela filosofia da linguagem. Estas últimas dão primazia à investigação das especificidades de cada uma das línguas e ao aspecto formal delas. Assim, elas se limitam ao questionamento pelo aspecto que possibilita, na pluralidade entre as várias línguas, entendermos como “cada língua está em condições de dizer tudo o que quer”²². Aos olhos de Gadamer, o interesse de uma filosofia hermenêutica tem que ir para além do questionamento científico sobre a linguagem, ela necessita contemplar a questão pela característica que permite que, na pluralidade das línguas, se possa “estabelecer a mesma unidade de pensar e falar”²³, aspecto este intrínseco para compreender a multiplicidade de tradições que nos chegam via escrita (*Schriftlichkeit*). Pois, a linguística, por sua vez, também concebe essa unidade como forma de converter a língua em objeto através da abstração²⁴. Essa negligência das ciências da linguagem através de seu tratamento objetificante da língua e sua busca por um

²¹ Diferentemente da opção realizada pelos tradutores da versão brasileira de *Verdade e Método* que optarem por traduzir a palavra alemã *Sprachlichkeit* como “caráter de linguagem”, preferimos, em acordo com Biagioni (cf. BIAGIONI, J. *A ontologia hermenêutica de H.G. Gadamer: reflexões e perspectivas sobre a 3ª parte de Verdade e método*. Uberlândia: Edufu, 1983.), traduzi-la como “linguisticidade”, uma vez que esta palavra da língua portuguesa expressa exatamente a propriedade de ter um caráter linguístico. As opções realizadas pelos tradutores da versão brasileira de *Verdade e Método*, bem como, a opção feita por Rohden, o qual verte *Sprachlichkeit* pela expressão “o modo de ser da linguagem” (ROHDEN, L. *Hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 223), já são, a nosso ver, paráfrases explicativas do conceito.

²² GADAMER, H.-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 520. No original: “wie eine jede Sprache trotz aller Verschiedenheit von den anderen Sprachen in der Lage sein soll, alles zu sagen, was sie will.” *GW1*, p. 406.

²³ GADAMER, H.-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 521. No original: “dieselbe Einheit von Denken und Sprechen betätigt”. *GW1*, p. 406.

²⁴ Cf. GADAMER, H.-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 521. *GW1*, p. 407.

ideal de univocidade se cega para o fato de que a formulação da “*conceitualidade de todo compreender*”²⁵ na língua não se tratar de uma construção objetiva, mas antes de um processo constitutivo da opinião do intérprete, para o qual este acontecer lhe é alheio²⁶, incontrolável. Esse processo de conceituação não consiste em uma “subsunção lógica pelo qual algo individual é submetido à generalidade do conceito”²⁷, tornando-o um mero signo. Nos trilhos de Gadamer, levar uma língua a sua completa convencionalidade significa extirpar qualquer possibilidade de interpretação pelos seus falantes²⁸. Se no período clássico grego a inconsciência da língua reinava, característica esta primária da língua, à luz de Gadamer, na modernidade ela sofreu uma desvalorização instrumentalista radical na sua subordinação ao método científico, o qual apenas se preocupa com a forma da língua, esquecendo que ele mesmo “está limitado, circunscrito e, condicionado pelo ‘mundo’ multiforme e muito mais abrangente da língua”²⁹.

Como fundamento da estrutura de *Verdade e Método I*, na terceira parte da obra, Gadamer apresenta sua tese máxima da “língua como *medium* da experiência hermenêutica”³⁰, ou seja, a língua como *medium* da experiência da interpretação e do compre-

²⁵ GADAMER, H.-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 521. No original: “*Begrifflichkeit alles Verstehens*”. Grifo do autor. *GW1*, p. 407.

²⁶ Cf. GADAMER, H.-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 521. *GW1*, p. 407.

²⁷ GADAMER, H.-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 522. No original: “logischen Subsumtion, durch den ein Einzelnes unter das Allgemeine des Begriffs gebracht würde.” *GW1*, p. 407.

²⁸ Cf. GADAMER, H.-G. *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 207-8. *GW2*, p. 176.

²⁹ BIAGIONI, J. *A ontologia hermenêutica de H.G. Gadamer: reflexões e perspectivas sobre a 3ª parte de Verdade e método*. Uberlândia: Edufu, 1983. P. 50.

³⁰ GADAMER, H.-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 497. No original: “*Sprache als Medium der hermeneutischen Erfahrung*”. *GW1*, p. 387. Grifo do autor.

ender como o elemento que perpassaria todo o conhecer humano³¹. Neste processo, muito antes mesmo de tomarmos consciência do processo hermenêutico, já estamos interpretando e compreendendo, pois “A língua é o meio em que se realiza o entendimento dos interlocutores e o consentimento sobre a coisa.”³² Conforme nos adverte Rohden, quando falamos que a língua é o meio, o *medium* em Gadamer, não devemos entendê-la no sentido de meio (*Mittel*) instrumental, “mas como (*Mitte*) no sentido de lugar, espaço, meio-

³¹ Mais tarde, Gadamer indicou que há outras dimensões do compreender que não propriamente se realizam na língua. Segundo ele, “Seria absurdo afirmar que toda nossa experiência de mundo não seria nada mais que um processo de língua, e que por exemplo o desenvolvimento de nosso senso para as cores consistiria apenas na diferenciação no uso das palavras referidas à cor. E mesmo conhecimentos genéticos, como por exemplo os de Piaget, aos quais se refere Habermas e que tornam provável a existência de um uso de categorias operacionais prévias à língua, mas também todas as formas de comunicação desprovidas de língua, a cerca das quais chamaram a atenção sobretudo Helmuth Plessner, Michael Polanyi e Hans Kunz, desqualificam qualquer tese que queira negar outras formas de compreender fora do âmbito da língua apelando para uma universalidade da língua. Falar é, ao contrário, sua existência comunicativa.” (GADAMER, H.-G. *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 298-9. GW2, p. 256-7.) Em outra passagem: “É verdade que nossa experiência de mundo não se produz apenas no aprender a falar e nos exercícios de língua. Existem experiências de mundo que são anteriores à língua, como sustenta Habermas com base nas investigações de Piaget. Existe a língua dos gestos, das fisionomias, dos acenos, que nos une, o riso e o choro, cuja hermenêutica foi ressaltada por H. Plessner.” GADAMER, H.-G. *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 240. GW2, p. 204. Tendo em consideração o legado gadameriano, atrevo-me a dizer que ele não foi coerente e rigoroso ao dizer que há “outras formas de compreender *fora do âmbito da língua*”, pois dizer que há outras vias de compreender não exige e não é tolerável diante dos ditos do legado gadameriano que se pressuponha um fora da língua quando se está a falar de humanos linguisticamente constituídos (viés condenado por ele mesmo em outros momentos), pois o perpassamento linguístico é indelével, estas outras vias do compreender apenas não se realizam por via linguística, o que não quer dizer que se dariam de forma neutra ao pertencimento do sujeito a um contexto linguístico. A meu ver, este fora da língua apenas poderia existir para nascidos de humanos que não sofreram o perpassamento linguístico, por terem sido criados por outros animais, por exemplo; neste caso, via Gadamer, nem se quer poderíamos considerá-los humanos, no pleno sentido da palavra.

³² GADAMER, H.-G. *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 240. p. 559-0. GW2, p. 387. Die Sprache ist die Mitte, in der sich die Verständigung der Partner und das Einverständnis über die Sache vollzieht.

-ambiente, circunstância, centro, modo de algo ser e realizar-se”³³. Ao percorrer as páginas de *Verdade e Método* fica claro que a compreensão dos principais conceitos da obra, como: compreender, interpretação, consciência da história dos efeitos – *wirkungsgeschichtlichen Bewußtseins* –, historicidade do compreender, conversa etc., “All these concepts, central to Gadamer’s, point to forms of language, which can only be satisfactorily clarified in a treatment of its linguisticity”³⁴. Nas palavras do próprio Gadamer, trata-se de evidenciar “que esse processo inteiro é um processo linguístico”³⁵, o qual visa o “correto entendimento sobre um assunto, que se dá no *medium* da língua”³⁶.

A partir da estrutura de jogo do diálogo, ou seja, de uma constante imbricação entre os interlocutores, Gadamer passa a entender que: “compreender o que alguém diz, significa, entender-se na língua”³⁷. É somente na língua da conversa enquanto esta é caracterizada como um acontecer (uma experiência) que os interlocutores podem chegar a compreender o sentido comum sobre a

³³ ROHDEN, L. *Hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 227.

³⁴ FIGAL, G. The Doing of the Thing Itself: Gadamer’s Hermeneutic Ontology of Language. In: *The Cambridge Companion to Gadamer*. Cambridge University Press, 2002. pp. 102-25. p. 102.

³⁵ GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 497. No original: “*daß dieser ganze Vorgang ein sprachlicher ist.*”. *GW1*, p. 387. Grifo do autor.

³⁶ GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 499. No original: “*der rechten Verständigung über eine Sache, die im Medium der Sprache geschieht.*” *GW1*, p. 388. Gadamer diz que já em Platão “*Es cierto que este sabe que no se puede establecer de una vez por todas un sistema de proposiciones verdaderas; pero se puede, en el diálogo viviente, tender al acuerdo y, con él, alcanzar un auténtico criterio para el conocimiento de lo verdadero.*”. GADAMER, H.-G. *El Otro Puede Tener Razón*. Entrevista realizada pela Profa. Dra. Graciela Fernández a Hans Georg Gadamer. Heidelberg, 1992. (Ratio – Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de Mar del Plata). Disponível em: <<http://www.favonet.com.ar/ratio/entrev1.htm>>. Acesso em: 13 abril 2009, s.p.

³⁷ GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 497. No original: “*Verstehen, was einer sagt, meint, wie wir sahen, sich in der Sprache Verständigen.*” *GW1*, p. 387.

coisa em questão, sobre a qual estes se põem à disposição de rever seus próprios argumentos. O caráter de abertura, de não controle, de jogo, portanto, antissubjetivo, de uma conversa diante dos interlocutores, nos revela que a língua, independentemente da subjetividade destes, impõe-se traçando um caminho para a conversa e direcionando os argumentos dos interlocutores, ou seja, através da conversa se apresenta o que realmente vige aí. A conversa exige dos intérpretes a manutenção de uma abertura para a opinião do outro sobre a coisa em questão (o assunto). Cada elemento que participa da conversa tem que estar disposto a deixar-se afetar nas suas opiniões pelas opiniões do outro, no desenrolar da conversa, sobre a coisa em questão. Caso contrário, a conversa não se realiza.

O processo da conversa se torna claro quando percebemos que o conceito de experiência ganha novos contornos sob o ponto de vista da filosofia hermenêutica de Gadamer. Este conceito agora passa a ser concebido como efeito, trata-se de uma retomada do sentido de experiência pertencente ao conceito grego de *pathos*, o qual nos lembra de que também somos rebentos do sofrer, daquilo que nos acontece, e não apenas de atos conscientes frutos da liberdade de escolha. Do mesmo modo que uma consciência é efeito da história, da tradição pela qual foi e está sendo perpassada (pertencimento este que tanto lhe abre para um mundo quanto também a delimita, isto também acontece no caso do processo do compreender) e da tomada de consciência de um sentido comum, a coisa em questão também somente vem a fazer efeito (como algo com sentido) via fala, ou seja, pela língua. Ante a circularidade entre experiência e língua e, língua e experiência, uma vez que algo se apresenta como coisa já é língua – como algo dizível –, já pressupõe que se teve a experiência dela. Pois, sobre este viés, sendo a experiência da coisa sempre linguística, então somente posso falar dela se de alguma forma já tive a experiência desta, experiência

esta que somente se efetiva através da língua como sedimentação, resíduo, acúmulo memorial dos fenômenos passageiros da realidade concreta (*Realität*). Assim, pressupondo a complementaridade entre realidade concreta (*Realität*) e língua (como *Wirklichkeit*, ou seja, como a realidade humana efectual), Gadamer caracteriza nossa linguisticidade como a abertura e o *medium* de acesso ao mundo, o qual é a fusão entre língua e a realidade concreta do contínuo dos fenômenos cambiantes, passageiros. Linguisticidade que se realiza, no seu modo mais espontâneo, como o processo de inconsciente vir à fala que tem seu início no processo imitativo do aprender a falar da criança pequena. Podemos constatar, portanto, que pensamento e consciência de mundo somente se dão na e através da linguisticidade da dimensão humana e como resultantes dessa última. Assim não se pressupõe que o sujeito teria um pensamento puro prévio ao perpassamento linguístico, ao crescimento dele numa comunidade linguística.

A abertura da conversa tem que possibilitar o compreender do que é dito pelo outro. E “onde há entendimento, ali não se traduz, mas se fala”³⁸, pensa-se e se compartilha de um mundo comum. O pressuposto aqui consiste em que ambos os intérpretes possuem certo domínio da língua em que dialogam. No viés gadameriano, encontrar o sentido da conversa com o companheiro de diálogo não se trata de um método artificial ou da análise de sentenças proposicionais, antes “é uma realização de vida.”³⁹, que só se efetiva pelo fato de ambos os interlocutores estarem impregnados, perpassados por uma mesma língua e compartilharem uma base comum dela, sem esta base comum não haveria diálogo.

³⁸ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 498. No original: “Wo Verständigung ist, da wird nicht übersetzt, sondern gesprochen.” *GW1*, p. 388.

³⁹ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 498. No original: “ist ein Lebensvollzug.” *GW1*, p. 388.

Assim, levando em consideração o que apresentamos até o momento, podemos resumir a tese gadameriana na seguinte passagem, bem como já começar a explicitar a estrutura da conversa como modelo da ação tradutória:

a língua é o medium universal em que se realiza o próprio compreender. A forma de realização do compreender é a interpretação. Constatar isso não significa que não haja problemas específicos em relação à expressão. A diferença entre a língua de um texto e a de seu intérprete, ou o abismo que separa o tradutor de seu original, não são, de modo algum, uma questão secundária. Bem ao contrário, os problemas da expressão de língua já são, na realidade, problemas do compreender. Todo compreender é interpretar, e todo interpretar se desenvolve no *medium* de uma língua que pretende deixar falar o objeto, sendo, ao mesmo tempo, a própria língua do intérprete.

Com isto, o fenômeno hermenêutico se apresenta como um caso especial da relação geral entre pensar e falar, cuja enigmática intimidade faz com que a língua se oculte no pensamento. Assim como a conversa, a interpretação é um círculo fechado pela dialética de pergunta e resposta. É uma verdadeira relação vital histórica que se realiza no *medium* da língua e que, mesmo no caso da interpretação de textos, podemos chamar de conversa. A linguisticidade do compreender é a *concreção* da consciência da história efetual.

A relação essencial entre linguisticidade e compreender se mostra de imediato no fato de que é essencial para a tradição existir no *medium* da língua, de tal modo que o *objeto* primordial da interpretação possui a natureza própria da língua⁴⁰.

⁴⁰ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 503. Grifo do autor. No original: “*Vielmehr ist die Sprache das universale Medium, in dem sich das Verstehen selber vollzieht. Die Vollzugsweise des Verstehens ist die Auslegung.* Diese Feststellung bedeutet nicht, daß es kein besonderes Problem des Ausdrucks gebe. Der Unterschied der Sprache eines Textes zur Sprache des

O objeto da interpretação consiste nas tradições oral e escrita, e é apenas através da interpretação que essas tradições vêm à fala. Gadamer visualizou a análise da interpretação-tradução da tradição escrita com a mesma estrutura da conversa entre duas pessoas, mesmo estando ele ciente das diferenças. A meu ver, como defenderei adiante, isto se mostra como um engano de Gadamer. Segundo ele, a tradição tomada como língua “adquire seu pleno significado hermenêutico onde ela se torna *escrita*”⁴¹, pois é somente na escrita que a tradição tem a autonomia de poder co-pertencer a vários contextos diferentes, independentemente de quem escreveu e de quem for o leitor. O importante aqui é a possibilidade de reavivarmos através da leitura (execução – do fazer efeito novamente) o sentido do texto, o qual, pela escrita, se apresenta “inteiramente livre de todos os momentos emocionais da expressão e do anúncio”⁴². Para Gadamer, há algo ali que se impõe para além das idiossincrasias dos leitores, apenas deste modo dois sujeitos podem compreender quase a mesma coisa,

Auslegers oder die Kluft, die den Übersetzer vom Original trennt, ist keineswegs eine sekundäre Frage. Im Gegenteil gilt, daß die Probleme des sprachlichen Ausdrucks in Wahrheit schon Probleme des Verstehens selber sind. Alles Verstehen ist Auslegen, und alles Auslegen entfaltet sich im Medium einer Sprache, die den Gegenstand zu Worte kommen lassen will und doch zugleich die eigene Sprache des Auslegers ist.

Damit erweist sich das hermeneutische Phänomen als Sonderfall des allgemeinen Verhältnisses von Denken und Sprechen, dessen rätselhafte Innigkeit eben die Verbergung der Sprache im Denken bewirkt. Die Auslegung ist wie das Gespräch ein durch die Dialektik von Frage und Antwort geschlossener Kreis. Es ist ein echtes geschichtliches Lebensverhältnis, das sich im Medium der Sprache vollzieht und das wir daher auch im Falle der Auslegung von Texten ein Gespräch nennen können. Die Sprachlichkeit des Verstehens *ist die Konkretion des wirkungsgeschichtlichen Bewußtseins.*”

Der Wesensbezug zwischen Sprachlichkeit und Verstehen zeit sich zunächst in der Weise, daß es das Wesen der Überlieferung ist, im Medium der Sprache zu existieren, so daß der bevorzugte *Gegenstand* der Auslegung sprachlicher Natur ist.” *GW1*, p. 392-3.

⁴¹ GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 504-5. Grifo do autor. No original: “kommt offenbar zu seiner vollen hermeneutischen Bedeutung dort, wo die Überlieferung eine *schriftliche* wird.” *GW1*, p. 393.

⁴² GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 508. No original: “völlig abgelöst von allen emotionalen Momenten des Ausdrucks und der Kundgabe”. *GW1*, p. 396.

divergindo apenas em pontos específicos. Desprovido dos aspectos subjetivos da palavra falada, o sentido autônomo do texto é o ideal da abstração da língua⁴³. Essa separação entre o sentido do texto e o ato de enunciação do texto permite a reprodução – leitura – produtiva de seu sentido na contemporaneidade de quem o lê. Entendamos aqui por leitura o fato de se “fazer valer o *logos* como tal”⁴⁴, separado das contingências contextuais de qualquer enunciação. O sentido do texto é sempre ele mesmo. Essa dessubjetivação do texto escrito “permite que o leitor que compreende possa defender sua própria pretensão de verdade”⁴⁵, uma vez que o sentido que emerge na sua leitura pode não coincidir com o sentido pretendido pelo autor e bem como pode divergir do sentido compreendido pelo leitor original. Defender a tese oposta é uma atitude ingênua para Gadamer, pois, o que é fixado por escrito, recebe vida própria, ganhando certa independência de sua origem, abrindo-se para novas relações produtivas de sentido, abrindo-se para novas interpretações, novos *vires* à fala, novos efeitos⁴⁶ que se realizam concomitantemente à leitura. A linguisticidade não se limita à tradição, ela também se relaciona intimamente com nosso processo de compreender. E tomando como base a identidade entre compreender e interpretação, ou seja, a efetivação do entendimento com outrem, o que caracteriza ser o processo de compreender, assim toda interpretação se apresenta como um processo perpassado pela produtividade de ser um acontecer linguístico.

⁴³ Cf. GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 508. *GW1*, p. 396.

⁴⁴ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 510. No original: “den Logos als solchen zur Geltung zu bringen sucht”. *GW1*, p. 398. Seguindo Heidegger, Gadamer traduz *logos* como *Sprache*, opondo-se a tradição que o traduziu como *ratio*. Cf. *GW8*, p. 351-2.

⁴⁵ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 510. No original: “in dem verstehenden Leser den Anwalt seines Wahrheitsanspruches erstehen.” *GW1*, p. 398.

⁴⁶ Cf. GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 512. *GW1*, p. 399.

Gadamer fez uma severa crítica ao ideal schleiermacheriano de interpretação, pois ao contrário de Schleiermacher, no viés da hermenêutica gadameriana, “querer evitar os próprios conceitos na interpretação não só é impossível como também um absurdo evidente. Interpretar significa justamente colocar em jogo os próprios conceitos prévios, para com isso trazer realmente à fala a opinião do texto”⁴⁷. Mas para que isso realmente aconteça é necessário que o leitor (ou tradutor) encontre a língua que atinja o outro através da língua que pertence à situação hermenêutica desse outro – o futuro leitor da tradução.

Na concepção de Gadamer, um enunciado, escrito ou oral, está estritamente vinculado ao seu leitor ou ouvinte, respectivamente. Esta relação de dependência significa a própria realização da “*concreção do próprio sentido*”⁴⁸ do que é dito. Aqui encontramos um contextualismo interpretativo em Gadamer, uma vez que “compreender um texto significa sempre aplicá-lo a nós próprios”⁴⁹. Entretanto, é correto afirmarmos que o que varia não é o sentido do texto, mas o modo como nós o compreendemos. A principal implicação disto consiste no reconhecimento de que toda interpretação possuir uma pretensão de verdade. É através da interpretação que o compreender impõe seu caráter linguístico, tornando-se “uma apropriação do que foi dito, de maneira que se converta em

⁴⁷ GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 514. No original: “Die eigenen Begriffe bei der Auslegung vermeiden zu wollen, ist nicht nur unmöglich, sondern offener Wider-sinn. Auslegen heißt gerade, die eigenen Vorbegriffe mit ins Spiel Bringen, damit die Meinung des Textes für uns wirklich zum Sprechen gebracht wird.” *GW1*, p. 401.

⁴⁸ GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 514. Grifo do autor. No original: “*die Konkretion des Sinnes selbst.*” *GW1*, p. 401.

⁴⁹ GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 515. No original: “Einen Text verstehen, heißt immer schon, ihn auf uns selbst anwenden.” *GW1*, p. 401.

propriedade de alguém”⁵⁰. O modo de interpretação de um texto é paradigmático; enquanto que a interpretação de uma obra de arte de corpo não linguístico como as ditas pinotecárias ou estatuárias, por exemplo, apenas possuem como pressuposto a linguisticidade, visto que não são manifestação linguística quer oral quer escrita, mas apenas frutos de uma situação linguística, tanto de produção quanto de interpretação. A interpretação de uma obra de arte é o modo “que permite à obra de arte manifestar-se autenticamente”⁵¹ enquanto um acontecimento imediato e inédito, aqui torna-se claro que Gadamer tinha por modelo principalmente a relação entre o texto e a apresentação teatral.

De acordo com Gadamer, todo “compreender implica sempre interpretar”⁵². Assim, podemos afirmar que toda interpretação de uma obra de arte é sempre reprodutiva, sempre está aberta para a possibilidade de uma justificação através da língua, pois também a interpretação do artista que a reproduz tem uma pretensão de verdade. A reprodução da obra, por sua vez, também pode ser interpretada linguisticamente como tentativa de justificá-la. A alternância de sobreposição entre interpretação e compreender não permite que venhamos a compreender uma obra como mero resultante de uma subjetividade genial, pressuposto este de toda compreensão da tese estética proveniente a partir de Kant.

Diante do caráter acidental (contextual) da interpretação linguística e da interpretação reprodutiva artística, Gadamer afirma

⁵⁰ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 515. No original: “eine solche Aneignung des Gesagten, daß es einem selbst zu eigen wird.” *GW1*, p. 402.

⁵¹ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 516. No original: “das Kunstwerk erst zu seiner eigentlichen Erscheinung bringt.” *GW1*, p. 403.

⁵² GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 517. No original: “Verstehen enthält immer Auslegung.” *GW1*, p. 403.

que ambas “não pretende[m] pôr-se no lugar da obra interpretada”⁵³. O caráter accidental da interpretação linguística se refere ao seu vínculo à pergunta hermenêutica, a qual é sempre relativa a uma situação, no sentido de que “compreender é sempre um verdadeiro acontecer”⁵⁴, o qual sempre irá carregar consigo algo de novo. A accidentalidade é constituinte da interpretação reprodutiva, mesmo nos casos em que não se dá uma execução ostensiva, uma vez que “toda e qualquer execução está obrigada a colocar suas ênfases”⁵⁵ situacionais. Desse modo, ante essa reiluminação de toda execução, pode-se afirmar então que “toda execução é interpretação”⁵⁶.

Para Gadamer, a primazia da linguisticidade de toda interpretação é irrefutável, pois

a superioridade crítica que pretendemos possuir ante a língua não atinge a convenção da expressão dentro da língua, mas a convenção do opinar (*Meinen*) cunhada no âmbito da língua. Ela não diz nada portanto contra a pertença essencial entre compreender e a linguisticidade. Na verdade, ela está apta a confirmar por si mesma essa pertença essencial. Isso porque toda crítica que, para compreender, se eleva para além do esquematismo de nossas frases encontra sua expressão na forma da língua. Nesse sentido, a língua escapa de todas as objeções feitas contra sua competência. Sua universalidade se mantém na altura da universalidade da razão. Aqui a consciência hermenêutica se limita a participar daquilo que perfaz a relação geral de língua e razão.

⁵³ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 517. No original: “will sich nicht an die Stelle des ausgelegten Werkes setzen.” *GW1*, p. 404.

⁵⁴ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 518. No original: “Verstehen immer ein echtes Geschehen ist.” *GW1*, p. 404.

⁵⁵ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 518. No original: “muß doch jede Aufführung ihre Akzente setzen.” *GW1*, p. 404.

⁵⁶ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 518. No original: “Jede Aufführung ist Auslegung.” *GW1*, p. 404.

Se toda compreensão se encontra numa necessária relação de equivalência com sua possível interpretação, e se a compreensão não conhece nenhuma barreira fundamental, também a concepção que se dá na língua, concepção experimentada pela compreensão na interpretação, precisa conter uma infinitude que supere qualquer fronteira. A língua é a língua da própria razão⁵⁷.

Na passagem supracitada, Gadamer introduz o termo máximo que fundamenta sua filosofia. Ele desloca a razão para a dimensão da linguisticidade. Em outras palavras, ele está afirmando que a razão é constituída pela língua (algo já anunciado por Schleiermacher⁵⁸, para quem nós pensamos através de palavras). Deste modo, ao contrário da posição do Iluminismo (que dá primazia à visão, sendo praticamente uma filosofia de surdos, a qual parte da interioridade do sujeito autônomo, autoconsciente, para uma descrição epistemológica do que é possível conhecer), Gadamer fez o caminho reverso, uma vez que encontrou como fundamento da sua ontologia um aspecto que constitui o humano de sua exterioridade para a interioridade do eu em seu processo de constituição que vai

⁵⁷ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 519. No original: “Die kritische Überlegenheit, die wir der Sprache gegenüber in Anspruch nehmen, betrifft aber gar nicht die Konvention des sprachlichen Ausdrucks, sondern die Konvention des Meinens, die sich im Sprachlichen niedergeschlagen hat. Sie sagt also nichts gegen den Wesenszusammenhang von Verstehen und Sprachlichkeit. Sie ist in Wahrheit geeignet, diesen Wesenszusammenhang selbst zu bestätigen. Denn jede solche Kritik, die sich, um zu verstehen, über den Schematismus unserer Aussagen erhebt, findet ihren Ausdruck abermals in sprachlicher Gestalt. Insofern überholt die Sprache alle Einreden gegen ihre Zuständigkeit. Ihre Universalität hält mit der Universalität der Vernunft Schritt. Das hermeneutische Bewußtsein hat hier nur an etwas teil, was das allgemeine Verhältnis von Sprache und Vernunft ausmacht. Wenn alles Verstehen in einem notwendigen Äquivalenzverhältnis zu seiner möglichen Auslegung steht, und wenn dem Verstehen grundsätzlich keine Grenze gesetzt ist, so muß auch die Sprachliche Erfassung, die dies Verstehen in der Auslegung erfährt, eine alle Schranken überwindende Unendlichkeit in sich tragen. Die Sprache ist die Sprache der Vernunft selbst.” *GW1*, p. 405.

⁵⁸ Cf. SCHLEIERMACHER, F. D. E. Sobre os diferentes métodos de traduzir. In: HEIDERMAN, W. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. V. I. pp. 37-101. p. 49.

do nascer ao morrer, ou seja, que se dá no processo da inconsciente relação dialogal⁵⁹ com o outro que vai do mero ouvir patológico⁶⁰ da criança pequena até a constituição e o aprimoramento consciente de si mesmo através da autoeducação. Ao destrinçarmos o processo do fenômeno hermenêutico se torna explícito a universalidade da linguisticidade como acontecimento virtual (num constante estar-em-obra, *energeia*) e a conseqüente dependência do processo do compreender e da interpretação à língua. Para Gadamer, o compreender e a linguisticidade precedem a qualquer objetificação, elas “abranquem, antes, tudo o que, de um modo ou de outro, pode chegar a ser objeto”⁶¹. É somente deste modo que Gadamer pode afirmar que:

Agora estamos em condições de compreender que essa cunhagem da idéia do fazer da própria coisa, do sentido que vem-à-fala, aponta para uma estrutura ontológica universal, a saber, para a constituição fundamental de tudo aquilo a que o compreender pode se voltar. *Ser, que pode ser compreendido, é língua*. De certo modo, o fenômeno hermenêutico desenvolve aqui a sua própria universalidade à constituição ontológica do compreendido, à medida que determina, num sentido universal, como *língua*, e determina sua própria referência ao ente como interpretação⁶².

⁵⁹ “A inconsciência da língua não deixou de ser o verdadeiro modo de ser do falar”. GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 524. *GW1*, p. 409.

⁶⁰ No sentido de *pathos*, do sofrer inescapável que nos molda.

⁶¹ GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 523. No original: “umgreifen alles, was je Gegenstand werden kann.” *GW1*, p. 408.

⁶² GADAMER, H-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 612. Grifo do autor. No original: “Wir erkennen jetzt, daß diese Wendung vom Tun der Sache selbst, vom Zur-Sprache-kommen des Sinns, auf eine universal-ontologische Struktur hinweist, nämlich auf die Grundverfassung von allem, auf das sich überhaupt Verstehen richten kann. *Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*. Das hermeneutische Phänomen wirft hier gleichsam seine eigene Universalität auf die Seinsverfassung des Verstandenen zurück, indem es dieselbe in einem universellen Sinne als Sprache bestimmt und seinen eigenen Bezug auf das Seiende als Interpretation.” *GW1*, p. 478.

O acontecer da linguisticidade em sua universalidade se dá sim, enquanto um ente, enquanto um evento, um acontecer, como algo vivo que não cessa de se manifestar inconscientemente no falar, na nossa contínua dependência relacional com o outro, com a realidade e com o mundo humano. A partir disso, pode-se compreender a limitação do tratamento da língua dado pela metodologia científica, uma vez que ela também estaria fundada na linguisticidade do humano. Com sua tese, Gadamer pretendeu explicitar os fenômenos que precedem e são comuns na formulação de quaisquer princípios, teorias e métodos. Destarte, a filosofia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer abdica da posição de soberania que perpassa toda tradição ocidental, descendo do pedestal, colocando-se na posição de intérprete e interlocutor no plano horizontal dos seres humanos e seus feitos, dentre os quais os próprios humanos se incluem.

Cientes desta base, adentremos mais a fundo na questão da tradução entre línguas. Quando a coisa em questão se trata de um texto, seu sentido, mesmo em uma tradução, tem que permanecer o mesmo. O tradutor deve tentar ao máximo preservar o sentido do texto original, uma vez que a tradução não é uma relação com a intenção do autor, mas antes, com o sentido do próprio texto, o qual por vezes o próprio autor pode não tê-lo percebido⁶³. Entretanto, Gadamer não está aqui pensando num sentido puro, platônico, mas antes sim num sentido que aparece sempre como um construto estratificado. Na sua visão, quando entramos na lógica dialética de perguntas e respostas com um texto não estamos dialogando com a intenção do autor do texto, mas com o conteúdo objetivo de sentido da coisa (*Sache*) de que nos fala o texto. Este processo se realiza graças ao encontro que ali acontece que inclui também aquilo que o intérprete é. O sentido que emerge do encontro entre

⁶³ GADAMER, H.-G. *Verdade e método II*: complementos e índice. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 282. GW2, p. 242.

intérprete (na interpretação deste) e texto é único desse encontro, se ele está ou não em correspondência com o que pensou o autor isto não temos como sabê-lo (salvo os casos raros em que o autor nos seja nosso contemporâneo e tenhamos o privilégio de poder conversar com ele), pois aqui não se opera mais sob o pressuposto da congenialidade, ou seja, da existência de uma base subjetiva comum dada, inata, ahistórica que uniria intérprete e o autor do texto interpretado. Isto não significa a recusa de que o autor do texto tenha intencionado certo sentido com o texto, mas sim a recusa da primazia do sentido do autor como princípio metodológico para nortear a atividade interpretativa.

Via o legado de Gadamer, o critério que devemos ter perante uma tradução é se ela cumpre a exigência de manter o sentido original do texto, o qual sempre aparecerá por uma via interpretativa. Mesmo se levando em conta que “toda tradução já é interpretação”⁶⁴, – uma vez que expõe um sentido sob as condições contextuais de outra língua, i. e., sob uma nova forma de abertura de mundo –, este viés prático do confronto com o texto é a única forma de reconstruir o sentido do texto, sentido este autônomo ante o autor e o leitor do texto. Gadamer se diz ciente de que em toda interpretação que se realiza em uma tradução há perdas e ganhos de sentido, pois não é raro quando se traduz ter que optar em dar destaque a certos nuances do texto original enquanto colocamos “outros aspectos em segundo plano ou inclusive eliminando-os”⁶⁵. A pergunta que nos poderia surgir aqui é: Como Gadamer pode ter a certeza dessas perdas e galhos se, como mais um ente contingen-

⁶⁴ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 498. “Jede Übersetzung ist daher schon Auslegung”. *GW1*, p. 388.

⁶⁵ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 500. “andere Züge in demselben zurücktreten lassen oder ganz unterdrücken.” *GW1*, p. 389.

te, também não possui um acesso privilegiado ao sentido original do texto (um sentido puro do texto), em última instância, somente poderíamos falar de perdas e ganhos de uma tradução, ou seja, dessa incomensurabilidade entre as línguas, se tivéssemos acesso ao sentido original do texto. Esta dúvida se desfaz quando lembramos que Gadamer está pensando de um ponto de vista histórico, contínuo, acumulativo e levando em consideração o deslocamento temporal que nos permite, por exemplo, revisar uma tradução e com isso perceber as perdas e ganhos referentes a um momento anterior.

Para Gadamer, o processo de interpretação apresenta um duplo caráter, da mesma forma que toda cópia de uma obra de arte e toda interpretação, na tradução também se apresenta algo de produtivo, de novo; uma vez que

Ele [o tradutor] está ligado ao texto que tem diante de si e não pode simplesmente transportar o material da língua estrangeira para sua própria língua sem transformar-se ele próprio no sujeito que diz. Isso significa porém que ele deve conquistar em si próprio o espaço infinito do dizer que corresponde ao que é dito na língua estrangeira.⁶⁶

Gadamer percebeu que toda “tradução implica uma reiluminação”⁶⁷ do texto, reiluminação esta que deve ser assumida pelo tradutor⁶⁸.

⁶⁶ GADAMER, H.-G. *Verdade e método II*: complementos e índice. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 181. No original: “Er ist gebunden an das, was da steht, und er kann doch nicht einfach das Gesagte aus dem fremden Sprachstoff in den eigenen Sprachstoff umformen, ohne daß er selber wieder zum Sagenden wird. Das aber heißt, er muß in sich den unendlichen Raum des Sagens gewinnen, der dem in der fremden Sprache Gesagten entspricht.” *GW2*, p. 153.

⁶⁷ GADAMER, H.-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 500. *GW1*, p. 389. “Übersetzung ist wie jede Auslegung eine Überhellung.”

⁶⁸ Perspectiva esta que veio a ser desenvolvida posteriormente sob o *slogan* do tradutor como autor por autores como, por exemplo, Susan Bassnett.

Seguindo a consciência hermenêutica iluminista, Gadamer viu que “A sua superioridade consiste em apropriar-se do estranho, não simplesmente dissolvendo-o criticamente ou reproduzindo-o acriticamente, mas conferindo-lhe nova validade a partir do momento em que o interpreta no horizonte de seus próprios conceitos.”⁶⁹

A tradução difere do diálogo efetivo propriamente dito – onde a coisa em questão baliza o uso da língua –, porque se trata de um *medium* artificial de alcançar o sentido do texto. O tradutor se confronta com a distância entre as línguas. A tradução apenas é possível porque se pode falar sobre a mesma coisa com outras palavras de outra língua, porém, nunca de forma completa, por mais que o tradutor tente ser fiel ao sentido do texto original. Entretanto, da mesma maneira que na conversa, na tradução também se tem por objetivo compreender o que o outro diz, mesmo o outro, neste caso, sendo um texto. A dificuldade do intérprete (tradutor) aumenta na tradução ante a tarefa de “resguardar o direito de sua língua materna, para a qual traduz, ao mesmo tempo em que acolhe também o estranho e inclusive o adverso do texto e de sua forma de expressão”⁷⁰. Diferentemente do interlocutor da conversação, o texto tem a dependência do intérprete para vir a fazer sentido, para vir à língua novamente, caso contrário, é mera tinta no papel. A reiluminação que o tradutor proporciona ao texto é consequente da fusão de horizontes entre o texto e o tradutor, enquanto o tradutor aparece aqui como “uma opinião e possibilidade que se aciona e coloca em jogo e que ajuda a apropriar-se verdadeiramente do que

⁶⁹ GADAMER, H.-G. *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 215. GW2, p. 183.

⁷⁰ GADAMER, H.-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 501. No original: “Genauso muß der Übersetzer das Recht seiner eigenen Muttersprache, in die er übersetzt, selber festhalten und doch das Fremde, ja selbst Gegenrische des Textes und seiner Ausdruckgebung bei sich gelten lassen.” GW1, p. 390.

se diz no texto⁷¹. Esse processo de compreender se aplica a quase todos os casos de tradução, com a exceção de duas situações limites: a primeira limitação se refere aos pensamentos confusos e aos textos mal redigidos⁷²; o segundo caso, refere-se à inefabilidade da dimensão poética, mais propriamente se refere à intradutibilidade da poesia lírica, “uma vez que aí uma língua não se deixa traduzir para outra sem perder sua força de expressão poética”⁷³. Este último caso é, para Gadamer, a prova da insustentabilidade da teoria da substituição, uma vez que ficaria evidente a incomensurabilidade entre uma língua e outra ou mais precisamente que nem toda expressão pode ser substituída por outra que mantenha o mesmo sentido.

Esta defesa da individualização da palavra realizada diante da ineficácia da substituição de termos no âmbito poético realizada por Gadamer já havia sido feita por antecessores como Schleiermacher e Frege. Apesar de defender a possibilidade da tradução, Gadamer recusa a teoria da substituição de termos de Frege não apenas perante do âmbito poético, mas para qualquer caso, pois, para Gadamer, a alteração de termos tem como resultante a mudança de sentido do texto e, conseqüentemente, a produção de uma reiluminação do texto, por menor que esta seja. Este fenômeno não acontece apenas na substituição de um termo por outro no âmbito poético, mas em qualquer caso em que nos utilizamos das línguas naturais/históricas.

⁷¹ GADAMER, H.-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 503. “eine Meinung und Möglichkeit, die man ins Spiel bringt und aufs Spiel setzt und die mit dazu hilft, sich wahrhaft anzueignen, was in dem Texte gesagt ist.” *GW1*, p. 392.

⁷² Cf. GADAMER, H.-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 510. *GW1*, p. 397-8.

⁷³ GADAMER, H.-G. *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 208. No original: “so daß es überhaupt nicht mehr von einer Sprache in eine andere übertragen werden kann, ohne seine gesamte dichterische Sagkraft einzubüßen”. *GW2*, p. 177.

O caso da poesia lírica se mostra como o mais claro exemplo do caráter singular de cada palavra, pois “a palavra conceitual planta raízes numa língua e individualiza-se a ponto de tornar-se intraduzível.”⁷⁴ Este fenômeno aparece de forma mais evidente no âmbito da literatura. Gadamer explicita esta univocidade semântica da palavra em um verso de Immermann, como vemos no excerto a seguir:

O exemplo de um poema pode esclarecer o que produz o aspecto semântico. Há um verso de Immermann que diz: ‘Die Zähre rinnt’ (‘As lágrimas escorrem’). Todo mundo que ouve a palavra ‘Zähre’ surpreende-se com o uso de uma palavra tão arcaica no lugar da palavra ‘Träne’. Mas, consideram o contexto poético, e tratando-se de um verdadeiro poema, como é o caso aqui, acaba-se concordando com a escolha do poeta. A palavra ‘Zähre’ privilegia outro sentido, ligeiramente alterado, ante o pranto cotidiano. Pode-se até duvidar. Haverá mesmo uma diferença de sentido?⁷⁵

Podemos perceber que esta diferença vai para além da escolha entre uma palavra ou outra no interior da língua alemã. A influência desta opção se torna ainda mais clara quando vamos tentar traduzir este verso para a língua portuguesa. Nesse caso, como verter “Zähre”? Diante da tradução de Giachini (Tradutor de *Verdade e Método II*), que traduziu “Zähre” por “lágrimas”, perguntamo-

⁷⁴ GADAMER, H.-G. *Verdade e método II*: complementos e índice. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 208. “Eben damit aber wächst das Begriffswort in die deutsche Sprache ein und wird bis zur Unübersetzbarkeit individualisiert.” *GW2*, p. 177.

⁷⁵ GADAMER, H.-G. *Verdade e método II*: complementos e índice. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 206. “Das Beispiel eines Gedichtes mag verdeutlichen, was der semantische Aspekt leistet. Es gibt einen Vers von Immermann, wo es heißt: “Die Zähre rinnt“, und jedermann, der zuerst diesen gewählten Wortgebrauch von Zähre statt Träne hört, wird vielleicht stutzen, daß ein so altertümelndes Wort an die Stelle des gewohnten tritt. Und doch wird man im Wägen eines Kontextes dichterischer Art dort, wo es sich - wie in diesem Falle - um ein wirkliches Gedicht handelt, die Wahl des Dichters schließlich anerkennen. Man wird sehen, daß es ein anderer, ein leise veränderter Sinn ist, der durch das Wort Zähre dem Alltag des Weinens gegenüber herausgehoben wird. Man mag zweifeln. Ist das wirklich eine Sinndifferenz?” *GW2*, p. 175.

-nos o quanto se perdeu aqui? Que surpresa provocaria a palavra “lágrimas” na tradução em língua portuguesa? O quanto de arcaico há nela? Ao traduzir “Zähre” por “lágrimas”, Giachini perdeu toda a nostalgia invocada pela escolha de Immermann por uma palavra em desuso, perdeu os ornamentos da palavra.

Em carta datada de 2001 para a tradutora da versão brasileira de *Wer bin Ich und wer bist Du?* (*Quem sou eu e quem és tu?*), Gadamer autorizou a tradução dos poemas herméticos contidos nesta obra, mas fazendo a ressalva de que isto apenas se autorizaria pelo fato dos poemas da obra *Atemkristall – Hausto-Cristal* –, do poeta romeno Paul Celan, estarem comentados, e advertiu ainda da necessidade citá-los na língua original, neste caso em alemão. Em suas próprias palavras, Gadamer se refere à lírica de Celan do seguinte modo:

Esse é realmente um modo de lírica que se pode entender somente por um comentário, e por isso resulta que nesse caso deva-se até aceitar que a lírica possa ser traduzida. Sem dúvida, deveria insistir-se para que os textos do poeta fossem citados também na sua língua de origem e estes, então, receberiam uma tradução por seu intermédio [referindo-se à tradutora].⁷⁶

Ainda nesta obra de Gadamer, encontramos outro exemplo de considerável perda de sentido quando tentamos traduzir o título da obra de Paul Celan: *Atemkristall* para a língua portuguesa. A própria tradutora Raquel Abi-Sâmara nos chama a atenção para este fato, pois ao verter a palavra alemã *Atem* como “Hausto”, esta não indica para ambas as acepções que se referem aos dois movimentos do processo respiratório contidas em “*Atem*”, mas apenas

⁷⁶ GADAMER *apud* ABI-SÂMARA. Apresentação. In: GADAMER, Hans-Geor. *Quem sou eu, quem és tu?*, p. 32.

para o movimento de sucção⁷⁷, de interiorização do ar. É por motivos semelhantes a estes que conduziram Gadamer a dizer que:

Em geral, ler textos traduzidos é decepcionante. Fica faltando a respiração (*Atem*) do falante, aquela respiração que nos sopra a compreensão. Falta à linguagem o volume do original. Mas exatamente por isso as traduções freqüentemente oferecem ao conhecedor do original uma verdadeira ajuda na compreensão. (...) E esse certamente é um ganho, não é mesmo? (GW 8: 281)⁷⁸

No caso da poesia lírica, este fracasso na tentativa de traduzi-la se dá porque este tipo de textos possui uma unidade interna de sentido. Segundo Gadamer,

As configurações poéticas são ‘configurações’ em um sentido novo, são ‘textos’ em sentido eminente. A língua aparece aqui em sua autonomia plena. Está e coloca-se de pé por si própria, enquanto que nos outros casos as palavras são superadas pela intenção que as ultrapassa.

Aqui encontra-se um problema hermenêutico verdadeiramente árduo. A poesia comporta um tipo especial de comunicação. Com quem se dá essa comunicação? Com o leitor? Com qual leitor? A dialética de pergunta e resposta, que sustenta o processo hermenêutico, a qual surge do esquema básico do diálogo, sofre aqui uma modificação específica. A recepção e interpretação da poesia parecem implicar uma relação dialógica de modo próprio.⁷⁹

⁷⁷ GADAMER apud ABI-SÂMARA. Apresentação. In: GADAMER, Hans-Geor. *Quem sou eu, quem és tu?*, p. 26-7.

⁷⁸ GADAMER apud ABI-SÂMARA. Apresentação. In: GADAMER, Hans-Geor. *Quem sou eu, quem és tu?*, p. 31.

⁷⁹ GADAMER, H.-G. *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 580. “Dichterische Gebilde sind in einem neuartigen Sinne ‘Gebilde’, sie sind in eminenter Weise ‘Texte’. Sprache tritt hier in ihrer vollendeten Autonomie heraus. Sie steht für sich und bringt sich zum Stehen, während sonst Worte durch die Intensionsrichtung der Rede überholt werden, die sie hinter sich läßt.

Em “Poema y diálogo”, seguindo a mesma concepção de um sentido eminente do texto poético-lírico, Gadamer pergunta: “¿Qué otra cosa hay en el mundo que pueda llamarse com más propiedad ‘afirmación’ que la poesía lírica? Es una afirmación que, como ninguna otra, da testimonio de sí misma, incluso sin beneplacito judicial.”⁸⁰ Pois “la fuerza de la poesía lírica reside en su tono”⁸¹, *tono* aqui entendido como tensão, sendo esta tensão do poema que lhe dá autenticidade e a possibilidade de se autossustentar. “Puesto que el poema adquiere así consistencia, su palabra es, más que nada, un texto. Es decir, algo en el que nada puede ni debe cambiarse, razón por la cual se niega tan acerbamente a la traducción a otras lenguas.”⁸² Ao ver de Gadamer, a poesia contemporânea chegou ao limite da significatividade compreensível, principalmente ao que diz respeito a poesia hermética, a qual se apresenta como uma convocação, um desafio ao compreender do filósofo, visto que “quizá, las mayores realizaciones de los más grandes artistas de la palabra están marcadas por un trágico enmudecer en lo indecible.”⁸³

Hier steckt ein hermeneutisches Problem von eigener Schwierigkeit. Es ist eine besondere Art von Kommunikation, die bei Dichtungen vor sich geht. Mit wem findet sie statt? Mit dem Leser? Mit welchem Leser? Hier gewinnt die Dialektik von Frage und Antwort, die dem hermeneutischen Prozeß immer zugrunde liegt und dem Grundschema des Dialogischen entspringt, eine besondere Modifikation. Aufnahme und Interpretation von Dichtung scheint ein dialogisches Verhältnis eigener Art zu implizieren.” GW2, p. 508.

⁸⁰ GADAMER, H.-G. *Poema y diálogo*: Reflexiones en torno a una selección de textos de Ernst Meister. In: Ensayos sobre los poetas alemanes más significativos del siglo XX. Barcelona: Gedisa, 1993, p. 144.

⁸¹ GADAMER, H.-G. *Poema y diálogo*: Reflexiones en torno a una selección de textos de Ernst Meister. In: Ensayos sobre los poetas alemanes más significativos del siglo XX. Barcelona: Gedisa, 1993, p. 145.

⁸² GADAMER, H.-G. *Poema y diálogo*: Reflexiones en torno a una selección de textos de Ernst Meister. In: Ensayos sobre los poetas alemanes más significativos del siglo XX. Barcelona: Gedisa, 1993, p. 145.

⁸³ GADAMER, H.-G. *La actualidad de lo bello*: El arte como juego, símbolo y fiesta. Barcelona: Ediciones Paidós, 1991, p. 40.

Podemos afirmar que, na perspectiva de Gadamer, um poema se apresenta como o *lugar* mais claro em que podemos encontrar uma resposta à pergunta pela unidade de sentido pleno de um texto, uma vez que este não se trata de apenas mais uma forma de revelação de sentido, mas da forma capsular onde o sentido vige por si mesmo, visto que no texto poético de forma enigmática as palavras chegam a uma univocidade e insubstituibilidade plenas, aspectos estes, a seu ver, caracterizadores de toda obra de arte⁸⁴.

Diante deste desafio da poesia lírica, Gadamer defendeu a seguinte perspectiva quando se assume a tarefa de traduzir, segundo ele,

O sentido multirrelacional do que é dito – e sentido significa sempre sentido direcional – vem à fala apenas na originalidade do dizer; na repetição e na imitação ele se esvai. Por isso, a tarefa do tradutor nunca deve ser retratar o que é dito, mas colocar-se na direção do que é dito, isto é, no seu sentido, para transferir aquilo que deve ser dito para a direção de seu próprio dizer.⁸⁵

Deste modo, podemos perceber que Gadamer não mantém a mesma coerência tida na descrição da conversa hermenêutica viva na problemática da tradução, visto que diante de sua defesa da prioridade pela busca de facilitar a compreensibilidade do sentido para a língua para a qual se traduz, a perspectiva de Gadamer acaba por deixar em segundo plano a letra do texto, pois, literalmente, “a tarefa do tradutor deve ali sempre ser a de não retratar o dito” (“Die Aufgabe des Übersetzers muß daher immer die

⁸⁴ GADAMER, H.-G. *La actualidad de lo bello*: El arte como juego, símbolo y fiesta. Barcelona: Ediciones Paidós, 1991, p. 40, p. 88-9.

⁸⁵ GADAMER, H.-G. *Verdade e método II*: complementos e índice. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 182. No original: “Es ist eben gerade der vieles einbeziehende Sinn des Gesagten – und Sinn ist immer Richtungssinn –, der nur in der Ursprünglichkeit des Sagens zur Sprache kommt und in allem Nachsagen und Nachsprechen entgleitet. Die Aufgabe des Übersetzers muß daher immer die sein, nicht das Gesagte abzubilden, sondern sich in Richtung des Gesagten, d. h. in seinen Sinn, einzustellen, um in die Richtung seines eigenen Sagens das zu Sagende zu übertragen.” GW2, p. 153.

sein, nicht das Gesagte abzubilden”, mas apenas seguir o sentido do que foi dito. É o que podemos constatar nas linhas seguintes ao supracitado excerto:

Isso aparece exemplarmente naquelas traduções que deveriam possibilitar um diálogo oral, pela mediação do intérprete, entre pessoas de idiomas diferentes. Um intérprete que se limita a reproduzir o que representam na outra língua as palavras e frases ditas por um dos interlocutores torna o diálogo incompreensível. O que deve reproduzir não é o que foi dito em seu sentido literal, mas o que o outro quis dizer e disse, deixando muita coisa impronunciada. O limite de sua reprodução também deve ganhar o único espaço que possibilita o diálogo, isto é, a infinitude interna que convém a todo entendimento.⁸⁶

Não estou aqui a defender uma tradução de palavra por palavras. Mesmo assim penso que podemos perceber que, diferentemente de Schleiermacher, Gadamer opta de certa forma pela direção dada pelo segundo princípio schleiermacheriano supracitado na epígrafe deste ensaio, lembrando-o, o de conduzir o autor ao leitor, reformulado e melhor dito em termos gadamerianos, tornou-se o princípio de conduzir o sentido do texto original (o produto quer consciente quer inconsciente do autor) ao fazer sentido na língua do leitor/tradutor.

Ante o apresentado, valendo-me de uma percepção do teórico francês da tradução Berman, para quem (segundo Levinas)

⁸⁶ GADAMER, H.-G. *Verdade e método II*: complementos e índice. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 182. No original: “Am deutlichsten wird das bei solchen Übersetzungen, die ein mündliches Gespräch durch die Zwischenschaltung der Dolmetscher zwischen Menschen fremder Muttersprache ermöglichen sollen. Ein Dolmetscher, der nur wiedergibt, was die von dem einen gesprochenen Worte und Sätze in der anderen Sprache sind, verfremdet das Gespräch ins Unverständliche. Was er wiedergeben muß, ist nicht das Gesagte in seinem authentischen Wortlaut, sondern das, was der andere sagen wollte und sagte, indem er vieles ungesagt ließ. Auch die Begrenztheit seiner Wiedergabe muß den Raum gewinnen, in dem allein Gespräch, d. h. die innere Unendlichkeit, die aller Verständigung zukommt, möglich wird.” *GW2*, p. 153-4.

o ato do tradutor para ser ético exige a percepção de que ali “O ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro.”⁸⁷ Pois o ato de traduzir requer o reconhecimento da “adesão obstinada do sentido à sua letra”⁸⁸, diante da qual o tradutor deveria ter como meta “a comunicação de algo” e não “a comunicação para alguém”⁸⁹, ele deveria compactuar para “uma *educação à estranheza*.”⁹⁰ Para a visão bermaniana, as traduções que não seguem esta orientação são taxadas pelos conceitos de etnocêntrico e hipertextual, os quais ele explicita da seguinte forma:

Etnocêntrico significará aqui: que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela — o Estrangeiro — como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura.

Hipertextual remete a qualquer texto gerado por imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio, ou qualquer outra espécie de transformação formal, a partir de um outro texto *já* existente.⁹¹

Pelo que vimos acima, avaliando Gadamer a partir da perspectiva de Berman, surpreendentemente este tem um posicionamento muito mais ontológico do que Gadamer ante a problemática tradutória, enquanto para Berman a prática tradutória é regida pela busca da “comunicação de algo”. Diante disso, podemos dizer

⁸⁷ BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. P. 95.

⁸⁸ BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. P. 54.

⁸⁹ BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. P. 92.

⁹⁰ BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. P. 93. Grifo do autor.

⁹¹ BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. p. 39-40.

que Gadamer defende um viés um tanto etnocêntrico e hipertextual, pois se pode perceber que se na conversa entre duas pessoas – obviamente numa mesma língua – sua teoria tem espaço tanto para reconhecer quanto para receber a outridade do outro, entretanto, no seu viés de tradução, isto não ocorre completamente, pois o recebimento da letra é sacrificado em prol da clareza do sentido na língua para a qual se traduz, aqui o foco da *Sache* (assunto, coisa em questão) que há na conversa legitimamente hermenêutica entre duas pessoas é deslocado no ato tradutório para o facilitação da compreensibilidade do leitor. Não somos os primeiros a perceber isso, Ineichen já o tinha feita. Segundo ele:

Gadamer sabia perfeitamente a diferença entre o entendimento mútuo na conversa entre pessoas e o tornar-se compreensível de um texto. Em um caso em que as pessoas falam uma com a outra, apresentando reciprocamente perguntas e procurando pelas respostas. Mas no caso do texto, o leitor gosta provavelmente de pôr perguntas, mas ele deve respondê-las para si mesmo, ainda que no apelo para o texto. Mas Gadamer não percebeu para esta situação, senão depois, que se trata em ambas as situações de se *compreender sobre uma coisa*.⁹²

Um parágrafo depois, Ineichen complementa,

Parece-me inadequado o modelo da conversa, porque o texto interpretado simplesmente não é o mesmo que uma

⁹² INEICHEN, H. *Analytische Hermeneutik*. In: OLIVEIRA, N. F. de; SOUZA, R. T. de (Orgs). *Fenomenologia hoje II: significado e linguagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. pp. 211-240. p. 224. Tradução minha. Grifo do autor. “Gadamer kennt wohl die Unterschiede Zwischen der gegenseitigen Verständigung im Gespräch zwischen Personen und dem Verständlichmachen eines Textes. Im einen Falle reden Personen miteinander, stellen einander Fragen und suchen nach Antworten. Im Falle von Texten aber mag der Leser wohl Fragen stellen, aber er muss sie sich selbst beantworten, wenn auch im Rückgriff auf den Text. Gadamer hebt aber nicht auf diese Situation ab, sondern darauf, dass es sich in beiden Situationen darum handle, sich *über eine Sache zu verständigen*.”

conversa mantida com outros humanos; Humanos respondem por si mesmos, textos não. Textos estão em um modo situacionalmente independente, como precisamente não estão as conversas. O discurso do modelo da conversa encobre esta diferença entre texto e discurso vivo.

Por isso mesmo, eu prefiro outro modelo, ou seja, compreender e interpretar como formação de hipóteses; nós procuramos para as propostas de compreensão, as que nos sejam capazes de apreender o sentido de um texto, ou seja, o qual nós devemos subordinar ao autor não a opiniões estranhas, a não ser que nós tenhamos fundamentos convincentes para isto.⁹³

Não vamos aqui adentrar nos desdobramentos do ponto de vista de Ineichen de sua teoria de formação de hipóteses, pois isto nos exigiria várias páginas. Retomando a concepção gadameriana de tradução, podemos perceber, com o visto acima, que o privilégio dado ao sentido comum dizível em ambas as línguas, deixando para trás muita coisa da língua estrangeira, mostra-se como um impen-sado de Gadamer, enquanto se recorda que ele concebeu a palavra como imagem. Isto significa dizer que o que se apresenta pela palavra é a própria coisa, o próprio assunto. Mas parece-me que ele levou esta concepção da palavra como imagem a sério apenas para a língua alemã, usando e abusando desta prática, pensando na e

⁹³ INEICHEN, H. *Analytische Hermeneutik*. In: OLIVEIRA, N. F. de; SOUZA, R. T. de (Orgs). *Fenomenologia hoje II: significado e linguagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. pp. 211-240. p. 224-5. Tradução minha.

“Doch scheint mir das Gesprächsmodell unangemessen, weil Texte interpretieren einfach nicht dasselbe ist wie ein Gespräch mit andern Menschen führen; Menschen antworten selbst, Texte nicht. Texte sind in einer Weise situationsunabhängig, wie es Gespräche gerade nicht sind. Die Rede vom Gesprächsmodell verdeckt diese Unterschiede zwischen Text und lebendiger Rede.

Ich ziehe deshalb ein anders Modell vor, nämlich Verstehen und Auslegen als Hypothesenbildung; wir suchen nach Verständnissvorschlägen, welche den Sinn eines Textes zu erfassen vermögen, und zwar so, dass wir dem Autor nicht zu merkwürdige Ansichten unterstellen müssen, es sei denn, wir haben überzeugende Gründe dafür.”

através dela. Levar a perspectiva da palavra como imagem a sério para a língua estrangeira, a meu ver, exige-nos a radical consideração da letra estrangeira, pois é nela que estão os matizes da coisa apreendidos pelos outrem estrangeiros nas suas visões de mundo.

Para encerrar, pudemos perceber que apesar de o viés gadameriano falhar ao deslocar o modelo da conversa viva como modelo para o ato tradutório, enquanto peca na preservação do outro estrangeiro em suas estranhezas linguísticas, não sendo assim ético para com o estrangeiro. Ainda assim parece-me correto dizer que Gadamer via a ação do traduzir como um esforço ético-político, pois ela trata-se de um dever ético daqueles que estão em condições de fazê-la perante aqueles com os quais se compartilha e partilha a língua materna e não estão em condições de acessar a língua estrangeira. Dever este que surge perante o fato de que assim como o perpassamento pela própria língua materna não se dá na e pela solidão, este também não é o caso para a conquista do domínio de línguas estrangeiras. Deste modo, diante desta dívida para com o outro (mesmo para os casos de autodidatismo, pois mesmo nesses casos os sujeitos não aprendem línguas a partir do nada, uma vez que dependem de recursos proporcionados por outrem), cabe àqueles que têm a autoridade (de conhecimento) de traduzir fazer desta arte, deste apresentar para outrem, a sua forma de preparar os caminhos para a “verdadeira liberdade ética e política”⁹⁴, a qual, via Gadamer, é a nobre função da arte, qual seja, a do reconhecimento da outridade do outro (como defensor da tradução, Gadamer pelo menos reconhece a outridade do outro enquanto o outro é aquele compatriota que não acessa a língua estrangeira) e da responsabilidade de colaborar na formação (*Bil-*

⁹⁴ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 132. No original: “der wahren sittlichen und politischen Freiheit, zu der die Kunst vorbereiten sollte”. *GW1*, p. 88.

dung) do outro, provocando-o ao pensar (maior dos deveres ético-políticos) quer vertendo legados pensados por outrem quer os fazendo pensar sobre o próprio modo de vertê-los. Função esta da qual a tradução já ocupou e ocupa um espaço gigantesco em sua dupla tarefa na tradição ocidental, apesar de sua quase completa invisibilidade, para além do espaço dos cursos de letras, mesmo no hodierno âmbito acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Custódio L. S. de. “Hermenêutica e Dialética: complementação ou substituição?” Disponível em: <<http://atualaula.vilabol.uol.com.br/dialetica.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. 2. Ed. Trad.: Marie-Hélène C. Torres; Mauro Furlan; Andreia Guerini. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BIAGIONI, João. *A ontologia hermenêutica de H.G. Gadamer: reflexões e perspectivas sobre a 3ª parte de Verdade e método*. Uberlândia: Edufu, 1983.

BRANDÃO, Junito de S. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1997.

FIGAL, Günter. The Doing of the Thing Itself: Gadamer’s Hermeneutic Ontology of Language. In: *The Cambridge Companion to Gadamer*. Trad.: Robert J. Dostal. Cambridge University Press, 2002. P. 102-25.

GADAMER, Hans G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 6. ed. Trad.: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Verdade e método II: complementos e índice*. 2. ed. Trad.: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Hermeneutik I: Wahrheit und Methode: Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik*. Tübingen: Mohr, 1999a. (*Gesammelte Werke* 1).

_____. *Hermeneutik II: Wahrheit und Methode: Ergänzungen und Register*. Tübingen: Mohr, 1999b. (*Gesammelte Werke* 2).

_____. *Platos dialektische Ethik: Phänomenologische Interpretationen zum Philebos*. In: *Griechische Philosophie I*. Tübingen: Mohr, 1985. (*Gesammelte Werke* 5).

_____. *Quem sou eu, quem és tu?*⁹ Trad.: Raquel Abi-Samara. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2005.

_____. *La actualidad de lo bello: El arte como juego, símbolo y fiesta*. Traducción de Antonio Gómez Ramos. Barcelona: Ediciones Paidós, 1991. (*Pensamiento Contemporáneo*).

_____. *Poema y diálogo: Reflexiones en torno a una selección de textos de Ernst Meister*. In: *Ensayos sobre los poetas alemanes más significativos del siglo XX*. Tr.: Daniel Najmías; Juan Navarro. Barcelona: Gedisa, 1993.

_____. *El Outro Puede Tener Razón*. Entrevista realizada pela Profa. Dra. Graciela Fernández a Hans Georg Gadamer. Heidelberg, 1992. (Ratio – Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de Mar del Plata). Disponível em: <<http://www.favanet.com.ar/ratio/entrev1.htm>>. Acesso em: 13 abril 2009.

HACQUARD, Georges. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Trad.: Maria Helena Trindade Lopes. Rio Tinto: Edições ASA, 1996.

INEICHEN, Hans. *Analytische Hermeneutik*. In: OLIVEIRA, Nythamar F. de; SOUZA, Ricardo Timm de (Orgs). *Fenomenologia hoje II: significado e linguagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. P. 211-240.

ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. Sobre os diferentes métodos de traduzir. Trad.: Celso Reni Braidá. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. 2. Ed., revisada e ampliada. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. V. I. P. 37-101. (Antologia Bilíngue).